

Envelhecer a Homossexualidade: Notas sobre o curso da vida

Romário Vieira Nelvo¹

MOTA, Murilo Peixoto da. **Ao sair do armário, entrei na velhice...: Homossexualidade masculina e o curso da vida**. Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

O que eu faria de diferente... [para por alguns minutos para pensar] é justamente a questão de assumir, botaria a boca no megafone, entendeu? Ia me assumir e viver os meus desejos mais abertamente. *Pesquisador: Você faria isso hoje?* Agora não! Já consegui assumir para mim mesmo. Mas quando eu realmente me assumi entrei na velhice. (José, 63 anos: 199)

A epígrafe acima foi dita por um dos interlocutores de Murilo Peixoto da Mota - Sociólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - durante o processo de construção etnográfica de seu estudo com homens homossexuais, de camadas médias urbanas cariocas e que têm idade igual ou superior a 60 anos. Estes homens são classificados pelo autor como sendo os “gays velhos”. Articulando uma instigante discussão bibliográfica e dando atenção especial para as narrativas desses homens, o autor lançou mão de seu livro intitulado, *Ao sair do armário, entrei na velhice...: Homossexualidade masculina e o curso da vida*. Pelos meandros das páginas escritas, temos a possibilidade de conhecer trajetórias, narradas pelos próprios interlocutores e organizadas por Mota. Aqui, conhecemos uma geração que viveu intensos anos de ditadura militar, que construíram sua homossexualidade à margem de uma sociedade heteronormativa e sexista, que foram os primeiros atores a estremecer as estruturas na busca por direitos sexuais. O “armário” - que não à toa aparece no título do trabalho -, portanto, torna-se uma metáfora onde se guarda pertences; no caso dos gays velhos, escondem seus desejos, que àquela altura eram tidos como algo “patológico” e “desviante” de normas sociais.

É possível com a leitura do livro, alcançar narrativas de um tempo passado, que ao serem ditas revelam a relação com os vários “outros” que compõem a vida social. São essas memórias que interessam ao autor. Contudo, é somente a partir do tempo presente que elas ganham forças e, no desafio da vida social, possibilidades de relativizar o futuro. Para organizar a presente obra - se trata de uma tese de doutorado - o autor a dividiu em sete tópicos e optou por não nomeá-los por capítulos a fim de que o (a) leitor (a) pudesse iniciar a

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ICS/UERJ) e bolsista de iniciação científica pelo Instituto de Medicina Social da UERJ (IMS/UERJ). **E-mail:** nelvo.romario@gmail.com

sua leitura de qualquer um dos pontos de discussão. Não vejo melhor forma de conhecer os escritos sem antes trazer à tona a natureza do grupo pesquisado:

Três deles têm entre 60 e 63 anos, nove têm entre 65 e 69 anos e três entre 72 e 78 anos; quatro têm o vírus HIV; oito se casaram com mulheres; dez saíram de casa para se assumirem como gays; três atualmente mantêm uma união estável com outro homem; doze fazem ou já fizeram psicoterapia e oito afirmam fazer uso de serviços de garotos de programa. (MOTA, 2014: 75)

À luz dessas quinze trajetórias o sociólogo pôde refletir de forma socioantropológica sobre a homossexualidade masculina e o curso da vida. Isso só foi possível, pois esses homens confiaram seus segredos ao autor - também outro homem -, lhes contaram sobre suas emoções, as estratégias adotadas para construir suas relações sociosexuais e, levando em consideração os padrões de gênero e sexualidade vigentes, a procura de suas “fugas desejantes” (PERLONGHER, 1987). Aparecem nas falas de seus entrevistados a migração para a cidade, objetivando viver uma vida sexual com mais liberdade. Este processo nos revela o quanto à homossexualidade foi uma questão para seus familiares; muitos desses homens vieram a se casar com mulheres para manter uma imagem heterossexual. Quanto à família: o laço de amizade construído a partir das redes de sociabilidade veio a preencher esse buraco, deixado pelos rastros da aversão à homossexualidade.

É exatamente por esses espaços de sociabilidade, e através das redes de amizade que o autor percorreu a fim de encontrar os gays velhos. Interessava nesse momento ir atrás de futuros informantes para a pesquisa; os espaços de homosociabilidade aparecem no tópico 3 do livro, bem como as estratégias percorridas pelo próprio autor para entrar nesses universos. Se este momento de discussão já aparece marcado pelos primeiros contatos do pesquisador com as pessoas pesquisadas, os tópicos anteriores trazem uma discussão reflexiva e provocante sobre o lugar da homossexualidade e da velhice no mundo moderno. Os gays velhos estão presentes na vida social marcada pelo individualismo constante. É um dos objetivos do Sociólogo mostrar também como que esse “indivíduo moderno” estabelece suas relações e resiste ao mundo que tende a tornar as coisas cada vez mais privadas e individualizantes.

É desta forma, portanto, que a categoria *habitus* de Pierre Bourdieu aparece como reflexão sobre os quinze entrevistados. Esses homens compartilharam uma mesma geração e tiveram suas trajetórias inscritas sob construções sociais e culturais que lhes são comuns. Para chegar a este plano de interpretação foi necessária a etnografia, as interações em suas

dinâmicas homossexuais masculinas, bem como as relações sociosexuais e o processo de envelhecer. A homossexualidade desses homens aparece, nos primeiros tópicos, atrelada à ideia de certa feminilidade. É como se o homossexual fosse o “outro” da masculinidade. A discussão acerca da “alteridade” é uma questão comum e, arrisco-me a afirmar, que permeia o livro do início ao fim. O próprio velho seria o “outro” de uma juventude que, no mundo moderno, é algo valorativo e que se busca constantemente.

Nesse sentido, a idade, bem como o curso da vida, que são lidos como algo “natural” (afinal, quem não fica velho?) estão revestidos de significados simbólicos. Cabe-nos até aqui a seguinte interrogação: E quanto à velhice e a “identidade” gay? Mota assinala o quanto o curso da vida transforma essas “identidades” - que de forma proposital já aparecem no plural, demarcando certa particularidade quanto à “identidade gay na velhice” - em algo dinâmico e constantemente negociado, já que o corpo jovem passa a ser o valorizado. As marcas do tempo trazem novos sujeitos desejantes, reformulam a maneira como os próprios gays velhos lidam com o corpo e com a sua sexualidade; suas alegrias, medos, vergonhas e angústias. Em suma, são perdas e ganhos.

As reflexões presentes até aqui, já fazem alusão aos interlocutores do autor, mas, sobretudo privilegia uma discussão mais teórica - e densa ao mesmo tempo - sobre gênero, sexualidade e envelhecimento. Foi necessário ter feito isso, pois assim chegamos à conclusão que o velho é um ator social, assim como o gay também o é. As duas figuras vivem sob marcadores sociais da diferença, quando coexistem em uma só pessoa, teríamos o “duplo estigma”.

Do tópico 4 em diante, Mota toma este campo teórico de análise construído e dá atenção especial às narrativas dos seus entrevistados. Ele percorre por entre as suas “carreiras sexuais”. Aqui, aparece a clandestinidade da homossexualidade para esta geração. O medo e a vergonha também são categorias nativas que surgem nas histórias de vidas. A migração para a cidade grande com o fim de se interagir nos circuitos gays, bem como os casamentos com mulheres também foi algo que marcou os gays velhos. No plano das experiências sexuais, a AIDS apareceu como marcante para a geração, ainda mais porque os discursos sobre a doença eram todos construídos de forma direcionada à parcela da sociedade de homens homossexuais. Não à toa, o “medo” da doença fez com que muitos deles viessem a diminuir ou mesmo deixassem de ter relações sexuais naquele tempo.

A ditadura militar, os padrões heteronormativos, a AIDS (como dito acima) e a própria cultura cristã - eu acrescentaria esse ponto - foram fatores que fizeram dessa geração, hoje os gays velhos, construir a ideia do “armário”. Quanto a isto, Mota nos disse: “para os indivíduos

homossexuais, o submeter-se ao ‘armário’ está calcado na falta de amparo social e de garantias de possibilidades de aceitação social” (2014: 46). Desta forma, não seria de todo errado afirmar que a metáfora não é apenas a de esconder um “verdadeiro eu”, mas também de resistir contra um mundo cruel que os estigmatizavam e que até hoje continua fazendo. O grande problema nas narrativas dos gays velhos é justamente o da epígrafe que abre este texto, no caso deles a homossexualidade começou a se tornar público quando a velhice também apareceu - daí o nome do livro: *Ao sair do armário, entrei na velhice*.

Refletir sobre o tempo passado de forma muito subjetiva, mas com características comuns entre os entrevistados, é também pensar no presente de suas vidas. O curso da vida, para esses homens, trouxe marcas corporais da idade, e a consequente limitação fisiológica. A isto, o autor ousa transgredir e faz transparecer que esses gays enfrentaram muitos problemas em suas histórias no que tange às suas famílias e para as normativas sociais de padrões heterossexuais. Contudo, o caráter inovador é justamente o de assinalar que esses homens são uma “alteridade” entre os seus próprios pares, as pessoas LGBTs (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), sobretudo os gays jovens do tempo presente de suas narrativas. Não à toa, a militância e as próprias “paradas gays” são alvos de denúncias dos entrevistados que, entre olhares e participações se veem excluídos do mundo da diversidade sexual moderna.

A velhice trouxe para esses homens uma série de reformulações afetivas e sexuais. Agora, eles valorizam muito menos os contatos sexuais passageiros e mais uma boa amizade duradoura com os seus parceiros. O corpo que envelhece passa a apresentar problemas de ereção. A medicalização da sexualidade desses homens tornou-se algo presente em seus repertórios sexuais. Em suma, a “corporalidade na velhice” é um objeto cada vez mais passível de análise social. Relativizar o futuro dessa geração é levar em conta que as marcas do curso da vida estão atreladas à ideia de maturidade e que os projetos de vida não param, mesmo que, no mais das vezes, eles sejam tidos como pessoas próximas de suas mortes. Porém, se a morte física ainda não é uma realidade, nem mesmo pensada por esses homens, a morte social já é uma realidade presente.

Cabe ressaltar que, se as próprias carreiras sexuais desses homens quando jovens, já apresentavam dinâmicas e contratempos (migração, casamento com mulheres, clandestinidade etc.), não seria de todo errado frisar que o futuro também é incerto e constantemente negociado, por isso é preciso relativizar. Em outras palavras, o que ainda está por vir nessas trajetórias é “vidas abertas e em constante disputa”, interpretação esta puramente minha de algo que também é diretamente o meu “outro” nas relações sociais; visto a juventude valorativa do mundo moderno ocidental que ainda me é uma realidade.

Se o conteúdo do livro em si é algo muito tocante, existem caminhos para escrevê-lo. Ainda mais por se tratar de uma tese de doutorado, os escritos marcam toda uma trajetória do próprio pesquisador, desde sua graduação até desaguar em sua pesquisa principal e de longa duração. Obviamente, tirar a tese dos muros acadêmicos e torná-la objeto público, pressupõe ser preciso fazer adaptações e, como o curso da vida dos seus interlocutores, isso traz “perdas e ganhos”. Em uma leitura muito pessoal, gostaria de conhecer um pouco da história do próprio autor, passando pelo seu interesse nos gays velhos, até quem sabe nos informar sobre o seu próprio processo de afetamento com o objeto de estudo. O pesquisador situado no processo da prática etnográfica tem sido algo cada vez mais explicitado nos estudos em Ciências Sociais. O “afetamento”, por exemplo, desde Favret-Saad (2005) é discutido como algo possível nos estudos etnográficos. As posições da autora sobre bruxaria e “embruxamento” no interior da França (na região Bocaje) e os afetos no campo, estão se propondo a discutir as relações entre sujeito (pesquisador e pesquisado) e o objeto. Favret-Saad já nos disse que o afeto é importante, pois traz consigo possibilidades de reflexões antropológicas quando este não é negado.

De todo modo, não acredito que isso altere o conteúdo do livro, já que há uma excelente articulação teórica e etnográfica para dar vida a pesquisa. Quanto à etnografia, arrisco-me a afirmar que Mota realizou - mesmo que não tenha feito uso teórico em seus escritos - aquilo que Marcus (1995), chamou de *multi-sited ethnography*, utilizando diferentes posições e participação do pesquisador em campo, se deslocando pelos espaços e indo atrás dos informantes a fim de descortinar as suas relações sociais.

Dar atenção para as memórias nas narrativas desses homens, objetivando discorrer sobre experiências amorosas, decepções subjetivas e familiares, espaços por onde percorre a homosociabilidade e ainda refletir sobre o tempo presente e buscar relativizar o futuro, é estar atento para as relações dos informantes. Não posso deixar de frisar que só foi possível para o autor realizar este estudo, que é sobre relações, dando atenção especial para as próprias relacionalidades (que ele chama de sociabilidades). Marilyn Strathern (2015) discutiu este ponto afirmando que o modelo de relação que os antropólogos adotam é uma ferramenta emprestada, que surge como categoria investigativa de uma habilidade que é própria e presente na vida social. Em outras palavras, se teoriza sobre relações (classificando e justapondo conceitos) dando atenção para as próprias relacionalidades. Foi isto que Mota fez em seu estudo.

O corpo que envelhece e é ao mesmo tempo gay, que está inscrito sob o cerne de uma sociedade machista e heteronormativa, que cada vez mais valoriza o individualismo, faz dos

gays velhos atores sociais. Eles experimentam o “duplo preconceito” no mundo moderno; a homossexualidade e a velhice; são dois pesos sociais reunidos em um só sujeito. As contribuições do livro são as de mostrar como as histórias de vida desses homens estão inseridas em contextos de relações que, na maior parte das vezes a resistência foi a grande arma para essa geração. Mota não hesita ao nos contar que foram eles que lutaram para se afirmar gays e hoje se encontram velhos. Em uma relação dialógica com a juventude valorativa, a velhice aparece como um problema social mais amplo, que na esfera das micro-relações com os próprios pares da homossexualidade, também é alvo de esquecimento, opressão e apagamentos.

Se o livro está tratando de uma das consequências do mundo moderno, a velhice e a homossexualidade de forma concomitante, certamente, duas interrogações nos interessam: As pessoas que hoje são jovens e no futuro serão velhas, como elas lidam com essa questão? Como os gays jovens podem excluir uma geração sabendo que no futuro poderão ser eles os *outsiders* da homossexualidade? São perguntas que surgem com o processo de leitura de “*Ao sair do armário, entrei na velhice...*”. Acredito que é a isso que o livro vem a contribuir para os estudos em Ciências Humanas e Sociais, sobretudo com o foco em sexualidade, gênero e geração. Ele possibilita repensar em como os gays velhos estão sendo tratados na vida social, em como esses homens são atores de uma sociedade que cada vez mais guarda lugares muito específicos e cruéis para aqueles que envelhecem, sobretudo, o próprio “meio gay” que muito teria a agradecer esta geração e que hoje os exclui.

“Envelhecer a homossexualidade” é mais do que um processo “natural”, ou mesmo individual. Está inscrito sob gramáticas sociais revestidas de desafios que, graças à resistência ao sexismo, à heteronormatividade, à homofobia e a tantas outras formas de discriminação, os “senhores de si” conseguem se construir bem mais do que “indivíduos”, mas sim a possibilidade de serem “pessoas”. É isso que eu pude descobrir lendo as histórias de Antônio, Júlio, Paulo, Fernando, Márcio, Manoel, Álvares, Francisco, Marco, Ricardo, José, Roberto, Raphael, Luis e Eduardo.

Para fins de minhas conclusões, ler o livro de Murilo Mota, é conhecer um belo enredo acadêmico, mas ao mesmo tempo impulsionado por uma agenda militante. Ele nos mostra como os gays velhos construíram suas vidas por experiências dentro de limites sociais, e que talvez esses limites ainda não tenham de todo se esgotado.

Referências

FAVRET-SAAD, Jeanne. Ser Afetado. n. 13, p. 155-161, São Paulo: **Cadernos de Campo**, 2005.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. n. 24, p. 95-117, Califórnia: **Annual Review of Anthropology**, 1995.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio de Michê: Prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

STRATHERN, Marilyn. **Parentesco, Direito e o Inesperado: Parentes são sempre uma surpresa**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.